

Histórias de Letramento: Construção de Protagonismo Social

Prof^a Dr^a Ana Lúcia de Campos Almeida¹ (UEL)
Prof. Dr. Paulo Roberto Almeida² (UEL)

Resumo:

É por meio da linguagem que o indivíduo assegura-se não só de seu conhecimento de mundo e dos outros como também de si mesmo e, concomitantemente, participa das transformações e mudanças no universo social. É pela linguagem que lê o mundo, constroi o mundo, por meio da concretude social. Na dimensão sujeito/lingua(gem)/mundo e o processo de constituição/construção de identidades, destacamos o trabalho de sujeitos históricos com e sobre a linguagem, na produção de enunciados como forma de ver/interpretar a realidade social; um olhar para/sobre enunciados produzidos por sujeitos/estudantes do curso de Letras, sujeitos em constituição. Estudantes em curso de formação de professores de língua materna, materializam sua percepção de mundo por meio de narrativas, suas histórias de letramentos. Tomando como referência teórica os conceitos de letramento e a perspectiva de um sujeito “trabalhador”, a presente comunicação tem como objetivo i) refletir sobre a no processo de construção de narrativas de vida produzidas por alunos de graduação do curso de Letras, na área de formação de professores: suas histórias no contato com o mundo da escrita, ou seja, histórias de letramentos; ii) indiciar nessas histórias os modos de um dizer, as táticas no trabalho de dizer o mundo por meio da linguagem. Nessa relação sujeito/lingua(gem), nosso olhar estará voltado para a manifestação de subjetividades, posições de um sujeito-autor, sujeitos protagonistas – e suas implicações no processo de constituição identitária. Destacamos aqui o “trabalho” de sujeitos com e sobre a linguagem, na produção de um “fazer poético”, entendendo aqui “poético” a partir do étimo “poiéo” (criar, inventar, gerar); produção de enunciados que indiciam a exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita num “jogo estético”.

Palavras-chave: letramento, narrativas. identidade, protagonismo social

1. Introdução

Em “Sexta-feira ou os limbos do Pacífico”, de Michel Tournier, o “selvagem” araucano Sexta-feira representa para Robinson (Crusoe) uma ameaça para a integridade da ordem estabelecida na ilha Speranza; leva ele, “selvagem”, uma vida à margem dessa ordem duramente fincada por Robinson. Suas ações e intervenções desestruturam a “doxa” estabelecida por Robinson, constituindo uma ameaça para a integridade da ilha administrada com rigor. Os sinais de sua passagem pela ilha constituíam indícios de uma vida à margem da ordem: o que dizer de pequenos arbustos

¹ Prof^a Dra^a Ana Lúcia de CAMPOS ALMEIDA
Universidade Estadual de Londrina-PR (UEL)
Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas - analucpos@uel.br

² Prof. Paulo Roberto ALMEIDA
Universidade Estadual de Londrina-PR (UEL)
Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas - pralmeida@uel.br

desenraizados e replantados com os ramos enterrados e raízes voltadas para o céu que, a partir daí, criam novas formas e, metamorfoseando-se, acomodam-se à nova forma?; ou ainda, o que dizer então que entre as flores de mandrágoras, cultivadas com grande atenção por Robinson, rigorosamente classificadas em suas cores, surja uma nova flor, uma nova variedade com uma cor raiada, listrada, que até há poucos dias ali na ilha não existia? “Nunca se deitara no sítio onde floriu a mandrágora listrada...” E a terrível descoberta: ao espalhar sua *negra semente* em cópula com flores de mandrágora, Sexta-feira produz novas mandrágoras raiadas, listrada ... outras mandrágoras ... as suas mandrágoras - para espanto de Robinson. (TOURNIER, 1985).

2. Linguagem e identidade

A história envolvendo Robinson Crusoe e o “selvagem” Sexta-feira, ou melhor, Sexta-feira e Robinson, na leitura de Tournier, possibilita-nos uma reflexão sobre uma perspectiva sócio-cultural mais ampla, dimensionada para um olhar sobre a relação sujeito/lingua(gem) e o processo de constituição/construção de identidades num universo heterogêneo, constituído por diferenças culturais e lingüísticas e marcado por uma situação de híbridismo, ou seja, por uma coexistência de conjuntos de valores e verdades antagônicos. É sabido que cada um de nós experiencia tensões/lutas entre identidades em conflito baseados em nossas diferentes posições no mundo. A identidade pode ser vista como a interface entre posições assumidas pelo sujeito em situações sociais, o que nos possibilita ter uma idéia de quem somos, de como nos relacionamos com o outro e com o mundo em que vivemos. A identidade é, portanto, relacional: a diferença é estabelecida por marcas simbólicas em relação ao outro, marcas que são constituídas através de sistemas simbólicos de representação, entre os quais está a língua(gem), sistema socialmente construído que fornece formas de perceber e organizar o real, mediador na relação entre homem/mundo.

E na relação sujeito/linguagem, interessa-nos olhar para o trabalho de sujeitos históricos com e sobre a linguagem, na produção de enunciados como forma de ver/interpretar a realidade social; um olhar para/sobre enunciados produzidos por sujeitos/estudantes do curso de Letras.

É por meio da linguagem que o indivíduo manifesta não só seu conhecimento de mundo, mas também o conhecimento que tem de si; participa das transformações e mudanças no universo social. Sabe-se, porém, que esse universo social não pode ser pensado como uma estrutura homogênea; constitui-se de imagens e discursos elaborados a partir de uma pluralidade de vieses. Dessa forma, entende-se que o espaço público não é uno e homogêneo e, assim mais do que nunca, deve-se aprender a lidar com a pluralidade de suas configurações, buscando “olhar” para outras vozes que “quebram” uma suposta hegemonia cultural e social.

Esse espaço plural, marcado pela heterogeneidade de posições diante do mundo social, caracteriza-se por diferentes manifestações culturais, isto é, um espaço constituído por uma gama contraditória e conflitante de elementos culturais e lingüísticos que interagem e se digladiam: de um lado, um conjunto de valores da chamada cultura chamada hegemônica ou letrada/acadêmica e de outro, um conjunto de valores de culturas populares. É fundamental, aqui, a resignificação do conceito de cultura: ao conceito tradicional de cultura como uma gama de conteúdos canônicos toma-se como pressuposto um conceito que a vê como produção desigual e incompleta de significação e valores (cf. BHABHA).

Para Hall (1997), a “realidade” é uma proposição explicativa, é uma interpretação que institui sistemas de significação que dão sentido às nossas ações e às ações alheias. Deve-se entender, pois, que “toda a ação social é cultural, que todas as

práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação” (HALL, 1997, p. 16). Desse modo, a noção de cultura está ligada ao domínio do simbólico de construção de significados.

É importante considerar que para caracterizar-se efetivamente como cultura é necessário entender que as práticas sociais produzidas tenham realmente um significado simbólico para aquele que a produz, o que implica dizer que ao se construir sentidos sobre as práticas os sujeitos produzem a cultura e a si mesmos. Cultura é, então, tomada como um conjunto de práticas sociais que, ao produzirem sentidos, instituem modos de viver, de ser, de compreender o mundo, constituidora de sujeitos, de identidades e da relação com o outro. No entanto, cultura só se realiza se compreendermos o papel relevante da linguagem como uma sistema que produz uma determinada realidade; é pela linguagem que lemos o mundo, construímos o mundo.

Na concepção bakhtiniana de linguagem, o centro organizador de toda enunciação está situado no meio social que envolve o indivíduo (BAKHTIN, 1992). Esse exterior, o meio social, é constituído de muitas visões de mundo, muitas palavras e histórias, que dialogicamente são constituídas no social. Nesse jogo social, os sujeitos constituem os seus discursos por meio das palavras alheias de outros sujeitos, que ganham significação no seu discurso e que por sua vez produzem novos discursos. Nesse movimento, certos sentidos vão se fixando nas diferentes situações sociais, constituindo gêneros do discurso, ligados às situações da vida cotidiana e às diferentes esferas da vida social. São eles, os gêneros do discurso, um conjunto aberto de formas de enunciados que foram se organizando, no tempo, associados a certos conteúdos e situações sociais.

Ao afirmar que “a variedade dos gêneros do discurso pode revelar a variedade dos estratos e dos aspectos da personalidade individual” (BAKHTIN, 1992, p.283), pode-se estabelecer uma relação com a concepção de “trabalho”, na perspectiva de Possenti (1992), dentro de uma concepção de linguagem como atividade constitutiva do sujeito na manipulação de recursos expressivos de sua língua; atividade que podemos associar com a questão de autoria, no sentido de que ao mesmo tempo em que os discursos apontam marcas históricas e sociais, apresentam também marcas do próprio sujeito, desvelam certa singularidade (POSSENTI, 1992, p.17), ou seja, mostram um sujeito que, imiscuindo-se no discurso do outro, deixa a marca de sua presença, diz algo de si para si e para o outro. O enunciado, nas mais diferentes esferas da vida social, pode apresentar a individualidade na fala ou na escrita, o que significa dizer que o enunciado pode refletir um “trabalho” do sujeito.

3. Letramento, gêneros do discurso e autoria

É de fundamental importância relacionar aqui as concepções de gêneros do discurso e de “trabalho” (e de autoria) à concepção de letramento, na medida em que tal concepção está associada à apropriação de variados gêneros do discurso, marcados de uma ou outra forma, pela singularidade dos sujeitos. Entendendo o letramento como um conjunto de práticas socioculturais de usos da escrita, com valores diferentes socialmente, pode-se depreender que o letramento está fortemente relacionado aos diferentes campos do conhecimento e às diferentes formulações discursivas. Nessa perspectiva, as orientações dos letramentos dos sujeitos podem ser compreendidas como oriundas de conhecimentos formulados por eles nos seus grupos sociais e na relação com outros grupos e com as diferentes instituições, na vida cotidiana e em diferentes esferas do mundo social, atravessadas pelas diferentes maneiras como a linguagem

escrita se apresenta, de modo implícito ou explícito. Isso significa dizer que, vivendo em sociedades letradas, sujeitos escolarizados ou não-escolarizados, de uma forma ou de outra, são afetados pelo fenômeno do letramento.

Definido em termos de práticas sociais e comunicativas com as quais os indivíduos se envolvem em vários domínios de sua vida, o letramento deve ser visto como histórica e socialmente situado. A escrita é tomada sob um olhar sociocultural efetivo, concepção em favor da qual se posicionam, hoje, teóricos do letramento (STREET, 1984; 2003; 2007; BARTON, 1994; BARTON; HAMILTON 1998; BARTON; HAMILTON; IVANIC, 2000; GEE, 2004).

Segundo Barton (1994), a escrita desempenha diferentes funções na vida diária dos indivíduos, em múltiplas atividades nas quais essa modalidade da língua está presente; trata-se dos eventos de letramento. Esse fenômeno consiste em ações de que a leitura e a escrita fazem parte. Grupos culturais distintos lidam de forma diferenciada com os usos e as práticas sociais de escrita. Sob essa perspectiva, os usos da língua escrita tendem a contribuir na configuração cultural dos diferentes grupos sociais, isto é, em diferentes subculturas, marcadas por diferenças culturais e lingüísticas. Entende-se aqui por subculturas “as culturas de grupos de diferentes condições sociais e econômicas, com diferentes níveis de acesso aos bens culturais, com diferentes graus de acesso a material escrito” (SOARES, 2010, p.62), sobretudo se confrontadas com uma cultura dita oficial, ideologicamente constituída por um padrão de língua oficial, identificada como o estrato central do sistema, institucionalmente valorizado.

Nesse espaço híbrido, marcado pela heterogeneidade de valores e posições, os sujeitos são constitutivamente atravessados por uma gama heterogênea de ideologias e valores socioculturais; qualquer imagem é híbrida e será sempre constituída por traços de outros discursos, o que impossibilita um julgamento de valor nos níveis de representação mais autêntica ou mais complexa. Um olhar crítico para tal contexto revela que todas as formas de cultura estão constantemente num processo de hibridismo e é na tradução cultural desse hibridismo, o “terceiro espaço”, que se pode perceber o surgimento de outras posições, pois esse “terceiro espaço desloca as histórias que os constituem e estabelece novas estruturas de autoridade, novas iniciativas políticas, que são mal compreendidas através da sabedoria normativa” (BHABHA, 1990, p.211).

Esse deslocamento do olhar para “o terceiro espaço”, ou seja, voltado para os letramentos locais ou vernaculares, possibilita que se revele/desvele as histórias que os constituem, inseridas nas entrelinhas e pode permitir, mais claramente, visibilizar e valorizar o hibridismo, ambivalência e a indeterminação na linguagem, desestabilizando e revisando aparentes certezas, desfazendo desejos substantivos de homogeneização e, dessa forma, dar conta da heterogeneidade de práticas não valorizadas e, portanto, pouco investigadas.

4.Narrativas de letramentos: a arte de(o) dizer de protagonistas

Entre práticas pouco investigadas nos letramentos locais ou vernaculares, porque invisibilizadas, sobretudo no universo escolar, destacamos o “trabalho” de sujeitos com e sobre a linguagem, na produção de um “fazer poético”, entendendo aqui “poético” a partir do étimo “poiéo”, com os sentidos de criar, inventar, gerar; produções orais e/ou escritas que indiciam a exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita num “jogo estético”, ou seja, a “fabricação” ou “modos de dizer o mundo social. A ressignificação abre caminho para a visibilização de outras produções culturais, em

diferentes gêneros discursivos, que singularizam os sujeitos na construção de um modo próprio de se fazer dono da linguagem.

Nessa perspectiva, apoiado nos pressupostos teóricos de Bhabha da ressignificação do conceito de cultura, vista como constitutivamente híbrida, produtiva e dinâmica e do conceito de hibridismo cultural, e ainda na perspectiva teórica dos estudos de letramentos (STREET, SOARES), dos estudos sobre gêneros do discurso (BAKHTIN) e dos usuários, falantes comuns, em sua criatividade, tática e bricolagem, suas “maneiras de fazer”, uma arte de dizer popular (CERTEAU), a presente comunicação tem como objetivo, sob uma perspectiva socioantropológica e discursiva, refletir sobre produções escritas e/ou faladas, em seus mais diferentes gêneros discursivos, buscando investigar nas produções os modos de um “fazer poético”, ou seja, as táticas no trabalho de um fazer poético de dizer o mundo, um sujeito que protagoniza sua própria história.

Da mesma forma que Sexta-feira representa um interventor no “cosmo” organizado, “a **pedra negra** que se opõe ao sistema” (CERTEAU, 1990), o invasor, que armado com armadilhas e estratégias, faz o seu jogo, um jogo “diferente” no jogo do outro, sujeitos falantes/estudantes em curso de formação de professores de língua portuguesa, trabalhador em atividade lingüística, na realização do jogo de produção textual-discursiva, usa e manipula estrategicamente recursos lingüísticos internalizados construídos socialmente, a partir da compreensão dos signos lingüísticos de sua própria língua, ou conforme Bakhtin (1992, p.301), “assimilando as formas da língua somente nas formas assumidas pelo enunciado e juntamente com essas formas”.

Esse posicionamento do sujeito diante de um ‘fazer textual’ constitui uma das regularidades subjacentes manifestadas nesse percurso discursivo: “um sujeito agindo, manobrando, mesmo que não saiba que manobra” (POSSENTI,1998, p.115), posiciona-se e, decididamente, dispõe-se, propõe-se a escrever o que pensa, o que sabe e, pragmaticamente, determinado em sua manobra, “mesmo que sua manobra não produza o efeito por ele eventualmente intencionado” (POSSENTI,1998, p.115).

Tomemos como exemplo deste “fazer textual”, desse protagonismo, fragmentos de narrativas de dois alunos, ou seja, “pedaços, pedaços, pedaços...”, no dizer de V.S.; sujeitos em constituição, estudantes em curso de formação de professores de língua materna, que materializam sua percepção de mundo por meio de suas histórias de letramentos, reavivadas por lembranças e em fragmentos da memória:

“E uma voz aveludada de qualquer mulher menina perdida em sua vasta história e discografia que a escolhera ao acaso, tocava sua alma de leve, intensa como brisa noturna. Depois do caos de tantas visões, estava alegre por pousar em terra firme e novamente recordar o que a seus pés já permitiam tocar: suas lembranças.” (V.S.)

A identidade vista como manifestação de posicionamentos do eu (suas crenças, valores e interesses) diante do mundo social é construída por meio das escolhas discursivas feitas pelos sujeitos dentre os recursos e mecanismos oferecidos por sua língua materna – a identidade está na língua.

Em sua intenção discursiva, para a construção de seu enunciado, os sujeitos selecionam as palavras e recursos lingüísticos à sua disposição, construídos sócio-historicamente por outras consciências e das quais eles são parte que ajudou a construir.

Essa seleção é orientada pelos julgamentos de valor dos sujeitos voltados para um determinado tópico em jogo na atividade interacional, carregados de expressividade (sua visão do mundo, seu juízo de valor, suas emoções) e também pelo ouvinte para quem o discurso é dirigido, particularidade constitutiva do enunciado. Dirigido a esse interlocutor, pressupõe um enunciado resposta do outro, um ato-resposta baseado em determinada compreensão (BAKHTIN): assim, a expressão da posição do locutor implica, dialogicamente, a expressão de uma posição responsiva, isto é, a construção de um outro enunciado com as palavras carregadas de expressividade (sua visão do mundo, seu juízo de valor, suas emoções).

“Desejo é o nome do bonde que me trouxe até aqui. Hoje, acredito que a leitura, de um modo geral, tenha contribuído muito nas escolhas que fiz na vida...” (EHD)

“O tema de hoje é a morte [...] Café. Encontro marcado num grande sertão que é do tamanho do mundo. A Capitu não traiu, não mesmo. A Sofia nem existia: insistia. Qual terá sido o meu crime? Castigo. Se eu viver cem anos, estes serão da mais terrível solidão, mas o livro que encerra tudo ainda não foi escrito, ufa...” (EHD)

A percepção gradativa de um movimento num percurso dialético – inter↔intradiscorso/intradiscorso↔interdiscorso – mostra-nos o trabalho desenvolvido pelos sujeitos: as palavras são assimiladas interdiscursivamente, reestruturadas e modificadas intradiscursivamente pelos sujeitos; movimento este que podemos denominar construções de posições, posições de autor:

Sono. Cresci: meus sonhos não são mais possíveis. Sou inseguro. A vida é sono. Mais café! CCH é o nome da atriz. E eu aqui no CCH; nem aí, esperando Godot.” (EHD)

“Apaixonara-se, em meio às turbulentas emoções, novamente por ela [Letras]. Fincou raízes, bateu o pé, viu a vida toda passar em um só segundo: estava no mundo para conduzir outros bailarés. Sentia-se novamente útil e amada pela vida e por todos aqueles aprendizes que a cercavam na nova sala [...] Encantara-se pelo que parecia impossível, outros Machados, outros anos eternos de solidão, outra rosa que brota do asfalto, outro sertão de veredas, outro encontro marcado.” (VS)

Conclusão

É assim que sujeitos históricos constroem e se constroem na linguagem: ao manipular com e sobre a linguagem, constroem um discurso e imprimem sua marca individual a um já-dito; completam-se/constituem-se nas falas do outro, mas ao completarem-se/constituírem-se nas falas do outro, completam e constituem o outro através de suas falas. E é através da inserção/inscrição dessas falas (Outro-Eu/Eu-Outro) que se entende que o Eu constrói posições que o “diferenciam” e o singularizam interdiscursiva e intradiscursivamente, conforme podemos concluir das palavras de Bakhtin:

Nossa fala, isto é, nosso enunciados (...), estão repletos de palavras dos outros, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas também, em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua

própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos (BAKHTIN, 1992, p.314).

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fonte, 1992 (original de 1953).

BARTON, D; HAMILTON, M. et al. **Worlds of literacy**. Clevedon: Multilingual Matters, 1994.

BARTON, D. Local literacies. *Reading and writing in one community*. London: Routledge, 1998.

BARTON, D. HAMILTON, M and IVANIC, R. **Situated Literacies** – reading and writing in context. London: Routledge, 2000.

BHABHA, H.K. **O local da cultura**. Belo Horizonte-MG: Ed. UFMG, 1998.

BHABHA, H.K. The third space. In: RUTHERFORD, J. (org). **Identity: community, culture, difference**. London, Lawrence and Wishart, 1990.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1990.

HALL, S. **Representation: cultural representations and signifying practices** London: Sage Publications. Press, 1997.

HEATH, S.B. What no bedtime story means. **Narratives skills at home and school**. *Language in Society*, 11(2):49-76, 1982.

HEATH, S. B. **Ways with words: Language, life, and work in communities and classrooms**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

POSSENTI, S. O sujeito fora do arquivo. In: **As múltiplas faces da linguagem**, Magalhães, I. (org.). Brasília: Ed. UNB, 1996.

POSSENTI, S. O “eu” no discurso do “outro” ou a subjetividade mostrada. In: *Alfa*, São Paulo, 39: 45-55, 1995.

POSSENTI, S. et al. Discurso do outro: lá onde o sujeito trabalha. In: *Alfa*, São Paulo, 42:113-131, 1998.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, M. Práticas de letramento e implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento. In: MARINHO, M. e CARVALHO, G.T. (Orgs.). **Cultura, Escrita e Letramento**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010. 1993.

STREET, B. **Social literacies: Critical approaches to literacy in development, ethnography and education**. Longman, London, New York, 1995.

STREET, B. **What’s “new” in New Literacy Studies?** Critical approaches to literacy in theory and practice. *Current Issues in Comparative Education*. Teachers College, Columbia University, v.5 (2), 2003.

STREET, B. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. In: MARINHO, M. e CARVALHO, G.T. (Orgs.). **Cultura, Escrita e Letramento**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010.

TOURNIER, M. **Sexta-feira ou os Limbos do Pacífico**. SP, Difel, 1985.